

# CATEQUESE NA VELHICE: ISTO PODE DAR FRUTOS

Carmen Maria Andrade<sup>1</sup>

**Resumo.** Este texto, fruto de uma pesquisa bibliográfica, buscou apresentar a última fase do ciclo vital humano, dar dicas para vivê-la de forma construtiva para desenvolver uma espiritualidade adequada à idade. Aborda o dilema e o desafio do envelhecer, o processo do envelhecimento, o caminho para a sabedoria, a espiritualidade e alguns indicadores para a catequese nesta fase. Conclui que, durante a vida, o ser humano passa por muitas etapas de desenvolvimento, mas a espiritual é a que lhe dá a razão de viver e o sentido de finitude, razão pela qual a catequese deve estar presente também neste momento, como uma educação continuada que rememora os valores e mostra que a velhice ainda pode dar muitos frutos.

**Palavras-chave.** Velhice. Espiritualidade. Catequese na velhice.

# CATECHESIS IN OLD AGE: THIS CAN BEAR FRUIT

**Abstract.** This text, the result of a bibliográfica research, sought to present the last phase of the human life cycle, give tips to live it in a constructive way to develop an age-appropriate spirituality. It addresses the dilemma and challenge of aging,

---

1 Professora Doutora em Vida Adulta e Envelhecimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria/RS; Faculdade Palotina de Santa Maria/RS.  
E-mail: <carmena@brturbo.com.br>

the aging process, the path to wisdom, spirituality and some indicators for catechesis at this stage. It concludes that, during life, the human being goes through many stages of development, but the spiritual is the what gives him the reason to live and the sense of finitude, which is why catechesis must also be present at this moment as a continuing education that recalls The values and shows that old age can still bear many fruits.

**Key words.** Old age. Spirituality. Catechesis in old age.

## CATEQUESIS EN LA VEJEZ: ESTO PUEDE DAR FRUTOS

**Resumen.** Este texto, el resultado de una investigación bibliográfica, tratado de presentar la última etapa del ciclo de la vida humana, dan consejos para vivir de manera constructiva para desarrollar una espiritualidad adecuada a la edad. Aborda el dilema y el reto del envejecimiento, el proceso de envejecimiento, el camino de la sabiduría, la espiritualidad y algunos indicadores para la catequesis en esta etapa. Llega a la conclusión de que, durante la vida, el ser humano pasa por muchas etapas de desarrollo, pero el espíritu es lo que le da el derecho a vivir y el sentido de la finitud, que es la razón por la catequesis también debe estar presente en este momento como una formación continua que recuerda los valores y muestra que la vejez todavía puede dar muchos frutos.

**Palabras clave.** La vejez. Espiritualidad. La catequesis en la vejez

## CATÉCHÈSE DANS LA VIEILLESSE: IL PEUT PORTER SES FRUITS

**Résumé.** Ce texte, le résultat d'une recherche de bibliográfica, cherché à présenter la dernière étape du cycle de la vie humaine, donner des conseils à vivre de façon constructive pour développer une spiritualité adéquate à l'âge. Il aborde le dilemme et le défi du vieillissement, le processus de vieillissement, la voie de la sagesse, la spiritualité et certains indicateurs pour la catéchèse à ce stade. Conclut que, pendant la durée de vie de l'être humain passe par plusieurs étapes de développement, mais l'esprit est ce qui vous donne le droit de vivre et le sens de la finitude, ce qui explique pourquoi la catéchèse doit aussi être présent à ce moment comme une formation continue qui rappelle les valeurs et montre que la vieillesse peut encore donner beaucoup de fruits.

**Mots-clés.** Vieillesse. Spiritualité. Catéchèse dans la vieillesse

### INTRODUÇÃO

A velhice é a última das fases do desenvolvimento humano. Em decorrência da melhoria das condições de vida, do cuidado com a saúde e dos avanços tecnológicos, as pessoas têm a possibilidade de passar mais tempo na condição de velhos do que no passado. A expectativa de vida, de fato, se elevou, hoje para 75,5 anos a média brasileira, com diferenças em alguns estados, a exemplo de Santa Catarina, com 78,7 anos, Espírito Santo, com 77,9 anos, São Paulo com 77,8 anos e Rio Grande do Sul, com 77,06 anos ((IBGE, 2015)<sup>2</sup>.

---

2 <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/expectativa-de-vida-do-brasileiro-ao-nascer-e-de-755-anos-diz-ibge>.

A proposta deste texto, construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, é mostrar a importância desse momento da vida e oferecer sugestões para vivê-lo de forma construtiva a partir do exercício de uma espiritualidade adequada à etapa, abordando o dilema e o desafio do envelhecer, a espiritualidade da velhice através de valores e atitudes humanas e os indicadores para a catequese nesta etapa.

## **2 O DILEMA E O DESAFIO DA VELHICE**

Não é bom, e não é verdade, que a velhice seja única e exclusivamente um momento de perdas ou decadência. Esta fase da existência desafia o potencial humano de crescer. Se por um lado é um período de desenvolvimento e de descanso após longos anos de trabalho, por outro, o velho corre o risco de gastá-lo em depressão e/ou desesperança, sentindo-se acabado, esquecido, menosprezado, andando sem sentido, mal compreendido e inútil.

Neste sentido, Erickson (1992, p. 59) analisa o último desafio da velhice, tratando-o como o dilema da "integridade vs desespero". Em outros termos, quem envelhece é chamado à integridade, ou seja, a concluir o desenvolvimento da própria personalidade de uma forma coerente com seu passado e, ao mesmo tempo, integrado à experiência da velhice. Se isto for bem sucedido, ele ganha sagacidade e sabedoria, isto é, um conhecimento experiencial da realidade e da vida, que é uma característica dos idosos, o melhor de si que pode deixar como um legado para

os outros. Se isso falhar, ele poderá viver sua velhice com dificuldade, arriscando-se a cair no desespero.

Pode-se dizer que é normal sentir medo de envelhecer. Este medo vem da cultura de privilégio da juventude, da beleza, do ótimo e funcional, levando muitos idosos a se fecharem no seu próprio mundo, desconsiderando a sabedoria adquirida no decorrer da vida.

Também deve ser encarado como normal sentir e aceitar conscientemente as perdas próprias da fase: o fim da vida ativa, da juventude, da habilidade atlética e, por vezes, o início da doença, bem como o fim de relações finalizadas pela morte de familiares, de vizinhos, de [ex] colegas de trabalho, assim como a perda de status social com a aposentadoria. Estas são algumas das perdas a serem consideradas de maneira livre e consciente.

Andrade, já em 1996 (p. 264), apontava a necessidade de crescer durante e para a velhice, evitando o simples cair nela; sinalizava que é preciso preparar-se, pois o envelhecimento pode apresentar crises existenciais causadas por problemas biológicos, fisiológicos, psicológicas e espirituais. A pessoa, chegando a esta idade, vê surgir perguntas inevitáveis como: “Quem sou eu?” “Qual é o sentido da minha vida?” “Como eu passei os anos que eu vivi?” “Como posso viver bem nos próximos anos?”.

Igual a qualquer outra crise existencial, esta também não pode ser superada a não ser através de uma renovação interior, porque ninguém tem permissão para viver a velhice em *baixo astral*, quase como uma licença para ser medíocre. No entanto, os idosos com

vivência religiosa têm razões espirituais para viver com entusiasmo e prodigalidade a última etapa da vida, que completa a jornada espiritual de sua consagração e lhes introduz a visão da comunhão eterna com Deus.

O Papa João Paulo II (1996, 70 § 5-6), escreveu que

a idade avançada coloca novos problemas, que podem ser preventivamente afrontados com um cuidadoso programa de apoio espiritual... dando chance de ser transformado pela experiência pascal, configurando-se com Cristo crucificado que se abandona nas mãos de Deus... em um supremo ato de amor e entrega de si mesmo.

### **3 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO**

É de amplo conhecimento que a velhice não é homogênea. No processo de envelhecimento várias são as maneiras de envelhecer e, conseqüentemente, diferentes serão os resultados. Uma das maneiras sonhadas por quem já chegou à velhice é envelhecer bem; é o desejo daqueles com os quais todos estão dispostos a conviver. Seu modo de ser velho é declarado por todos como invejável. Esses idosos vivem uma vida serena, grata, cheia de confiança e sentimento, lúcida e responsável, sem excessivo temor da morte. Embora experimentem sofrimento, como qualquer ser humano, não esperam que os próximos

sofram com eles ou que seu sofrimento pese aos outros; ao contrário, costumam preocupar-se com os outros. Infelizmente, não se pode dizer que esta seja a norma, na verdade é o sonho de muitos e a conquista de poucos.

Outra maneira comum é aquela em que muitos velhos são incapazes de aceitar a vida marcada pela invalidez ou pela redução da capacidade de trabalho, de relacionamentos e de sobrevivência. Eles estão traumatizados com a chegada da aposentadoria e sentem como uma terrível ameaça à ideia do fim. Eles passaram toda a vida no trabalho, sem nunca terem encontrado tempo para si, para refletir, para descansar em paz. Como escreve Andrade (2011, p. 13) agora,

são forçados a ir do trabalho turbulento à inatividade forçada e não conseguem aceitá-lo. Para eles, a aposentadoria é uma dor, não sabem o que fazer, é um descanso forçado e doloroso. Eles vivem em briga constante ou depressão. São comuns as tentativas autodestrutivas, especialmente se a inatividade é combinada com a solidão,

fechados em seu sofrimento, apegados a pequenas coisas que funcionam como droga ou válvula de escape, tornando-se duros, difíceis, ácidos, hostis a tudo, e todo mundo procura escapar deles.

A terceira maneira de envelhecer é a dos que negam ou rejeitam o envelhecimento, fingindo não ter

chegado à velhice. Essa é própria daqueles que não querem acreditar no envelhecimento e, portanto, escondem de si e dos outros a sua decadência, continuam vestindo-se e vivendo como se ainda fossem jovens. Apreciam os elogios e expressões como:

- *Não pensaria que você tem 80 anos!*
- *Não dá para dizer a sua idade!*
- *Não demonstras a idade que tens!...*

Acreditam nelas e por um tempo 'são acelerados'; mas quando os pés não acompanham mais a cabeça, ficam doentes, feridos, frustrados, vindo a ter um viver doloroso.

Andrade (2012, p. 45) afirma que parece

um erro tentar viver assim, fingindo ignorar, ou negando sua condição. Seria melhor aceitar a própria realidade e tentar afrontá-la, dando-se novas razões para viver, para continuar a crescer, para aceitar a velhice como algo novo e valioso.

#### **4 ENVELHECIMENTO E SINTOMAS PSICOESPIRITUAIS**

A redução e a limitação física são bem conhecidas no decurso do envelhecimento, e requerem uma série de atenções que já são uma forma exigente de ascese.

A velhice também é caracterizada por um processo de envelhecimento psicológico e espiritual que pode terminar bem ou não, dependendo do caso. Uma velhice feliz é marcada pelos valores da serenidade, da

aceitação de si e dos outros, da interioridade, da paz, da ternura, da compaixão e, finalmente, da sabedoria.

Se esses valores não se estabelecem, pode-se encontrar a prevalência de outros sentimentos, como a depressão senil que, muitas vezes, começa no início da aposentadoria, quando o idoso tende a sentir-se inútil, torna-se letárgico, apresenta perda da autoestima, podendo vir a descuidar da aparência e da saúde, deixando a vida andar, não se controlando e nem se sentindo responsável por suas ações e reações.

A solidão que muitas vezes o acompanha, não é a solidão constitutiva, aquela que se busca para, sozinho, colocar-se à frente das decisões importantes, mas a solidão que isola a pessoa e a faz sentir-se só e abandonada por aqueles que deveriam lhe querer bem.

Por vezes esse isolamento vem da falta de atividade, de estar só por muitas horas, ou, muitas vezes, por estar exclusivamente na companhia de outros idosos. Então, em momentos de reflexão, o idoso se coloca uma questão séria e perigosa em suas seqüências: "Ainda sirvo para alguma coisa ou para alguém?"; ou "Ainda há alguém que me interessa ou que se interessa por mim?".

O medo e a sensação de não estar mais no controle de si são o terceiro sintoma, que se consolida com solidão e silêncio. Há o medo da doença, do abandono, da dependência e, acima de tudo, da morte. Muitas vezes, o medo gera agressão para com aqueles que estão ao seu redor, resultado da sensação de desamparo, de impotência, de humilhação e de baixa autoestima. Em outros momentos, inconscientemente, conduzido pelo medo e pela agressividade, torna-se ranzinza e teimoso,

mas, observando-o bem, percebe-se que são maneiras de fazer-se notar e da vontade de ser ele mesmo.

Neste sentido, Andrade afirma que

a raiva, o rancor, e o ressentimento acumulados ao longo da vida podem aflorar na velhice. A raiva pode referir-se à perda de oportunidades, aos deslizes, aos fracassos, aos pecados e erros cometidos no curso da vida; podendo ser dirigida a si próprio, à sua história, a seus vizinhos, ou ao próprio Deus (2012, p. 63).

Assim, faz-se necessário um esforço para verbalizar e expressar isso de alguma forma, procurando o melhor contexto; caso contrário, poderá transformar-se em um processo destrutivo que deteriora a condição do idoso, não permite que ele se liberte e encontre a paz necessária para envelhecer bem, e viver com tranquilidade os anos que lhe restam.

## **5 ESTRATÉGIAS PARA SUPERAR OS ASPECTOS NEGATIVOS DO ENVELHECIMENTO**

Para reagir aos aspectos negativos da última etapa da vida, o velho deve buscar novas razões para a sua existência. É um caminho que já deveria ter sido iniciado nas fases anteriores, mas agora precisará ser percorrido. Assim, alguns passos que sejam dados já contribuem para que o velho atinja certa consciência das estratégias necessárias.

Andrade (1966, p. 105) indica como estratégias necessárias:

- enraizar a existência em valores duradouros e não efêmeros, como o sucesso nos negócios, a carreira, a beleza, entre outros, que não estão relacionados apenas ao fazer, ao ter, ao poder e ao desfrutar, mas ao ser, porque só este permanece quando os outros se vão;
- encontrar uma atividade ou um compromisso significativo para si e, se possível, útil aos outros. Caso contrário, o velho perde a sua razão de ser; tende a se fechar cada vez mais sobre si mesmo e a se isolar. Embora tendo em conta as suas necessidades, ele deve tentar sair do centro das atividades, permitindo que outros o ocupem, colocando sua maturidade e sabedoria a serviço dos outros e das causas. Isto pode auxiliá-lo a crescer até o fim;
- procurar manter o máximo possível a auto-suficiência, a capacidade de autoregular-se, de autonomia nas decisões, de organizar seu tempo livre, de ter sua agenda própria,...O velho não deverá fazer-se servir além do necessário, tampouco buscar sua substituição em tudo, nem mesmo por uma questão de melhor organização, limpeza e ordem. Assim, é preciso um olhar para o antigo ambiente e adequá-lo para ele e sua situação, deixando espaço para encorajá-lo e não deixá-lo cair na apatia e insensibilidade;
- aceitar a idéia da morte como alguma coisa presente na vida, desde o dia do nascimento, e não se permitir ser surpreendido pela chegada da morte, mas saber como vivê-la em primeira pessoa, não como uma inimiga, mas como

algo que faz parte de sua vida. Só assim os dias que lhe restam poderão ser vividos com humildade, carinho e gratidão, ao invés de medo, de raiva, de agressividade e quase como uma condenação;

- desenvolver a espiritualidade, compreendida como um caminho de valores, atitudes e motivações espirituais, especialmente para percorrer a velhice. Esta é uma condição necessária para o processo de envelhecimento, especialmente para aqueles que acreditam em Deus.

## 6 O CAMINHO PARA CHEGAR À SABEDORIA

Para envelhecer bem, é preciso ativar e cultivar algumas atitudes psicológicas. Peck (1986 p. 302) afirma que, para responder aos desafios colocados pelo crescimento e desenvolvimento do ego idoso, a pessoa deve: estimular a docilidade emocional, evitando o seu empobrecimento; promover a flexibilidade mental; evitar a rigidez; renovar as relações, ultrapassando a mera dimensão sexual; valorizar a sabedoria, atenção e compaixão.

No texto que se segue serão interpretados estes indicadores colocados por Peck.

- **Estimular a docilidade emocional.** O primeiro desafio é adquirir a flexibilidade emocional, a capacidade de manter-se maleável em suas emoções para aceitar as separações necessárias que acontecem na vida adulta e na velhice, sem ficar esmagado e, de certa forma, abalado pelos acontecimentos.

Com certeza a idade adulta é marcada pelos verbos sair, deixar, e abandonar. Por isto se faz necessário se acostumar a deixar pelo caminho alguns laços emocionais fortes próprios da vida adulta, particularmente da adulta média, tais como laços emocionais profundos que não podem mais ser mantidos, compromissos pessoais assumidos e honrados até de maneira muito exigente, que não são mais suportáveis, e preparar-se para estabelecer outros laços mais soltos, menos exigentes.

Certamente não se trata de apagar de suas afeições, nem de tirar estes vínculos do seu coração, mas de remover aquela carga emocional que poderá ser pesada e exigente. Também não é para descartar os compromissos de sua vida, mas vivê-los mais pacificamente e com maior serenidade.

Se o velho não adquire essa flexibilidade, corre o risco de enrigecer-se e tornar-se frágil, caindo psicologicamente cada vez que lhe é subtraído um objeto de seu amor, seja ele um parente, um ente querido, um colega de trabalho, ou ainda cada vez que há algo de novo na vida.

No lado positivo, o velho deve procurar desenvolver novos relacionamentos, nova maneira de interessar-se pelos outros, sem assumir compromissos muito rígidos, mas de uma forma construtiva e variada. A necessidade de continuar a ser uma pessoa atenta, carinhosa e sensível é um dos pontos centrais da visão de Erick e Erikson (1998 p. 86). Ele aponta para a necessidade de o idoso desenvolver uma “segunda generatividade” (grand- generativity, em analogia a palavra avós que em ingles é grand-parents), há

uma “segunda paternidade / maternidade”, uma nova atenção que substitui o compromisso físico de paternidade / maternidade.

Depois de velho, pode se tornar um “pai envelhecido” para crianças crescidas agora adultas, um avô/ó babá dos netos, um velho e confiável amigo, um parceiro de conversa (quando é capaz de ouvir...), ou um conselheiro que está próximo. Tão diferentes dos papéis e do rol de relações precedente, estes novos papéis permitem que estabeleça outras relações que o impedirão de se tornar só, endurecido, ácido ou vítima do egoísmo e do empobrecimento emocional.

Esta é a finalidade da maturidade emocional: manter um coração de carne que bate e que ainda se emociona, mesmo que esteja dominado pelos sentimentos.

- **Promover a flexibilidade mental.** Esta atitude propõe que o velho adquira a docilidade mental, ou seja, uma nova maneira de usar e oferecer seu conhecimento e a experiência acumulada durante a vida, mantendo uma perspectiva imparcial sobre eles. Isso o leva a aceitar o diferente, para trabalhar as ideias e os sentimentos pessoais, e não absolutizar seus desejos, seu ponto de vista, sonhos e esperanças, medos e ansiedades, libertando-se de uma maneira de pensar pré-fabricada que, no final, o impede de aceitar e ouvir os outros.

A pessoa, para viver em paz e não cair nas armadilhas da velhice, não deve tentar agarrar-se às próprias ideias e à própria visão das coisas. Isto o

ajudará muito a recordar que cada um, em especial o mais jovem do que ele, gosta de ter sua própria experiência antes de acreditar que as ideias mudam com o tempo e que, na vida, o verdadeiro e o falso, o bem e o mal, o bonito e o feio não se distinguem claramente, pois a realidade não é dividida em preto e branco, pontuadamente distintos, mas apresenta matizes de cinza que deixam perplexos aqueles que querem esclarecer as coisas embasados na rigorosa lógica matemática. Esta confusão é sentida principalmente por aqueles que tiveram, na sua formação teológica, uma afirmação dogmática dos princípios.

Erik e Erikson (1998) afirmam que a pessoa mais velha necessita comparar o seu novo eu e o seu novo modo de fazer, com aquele de quando era jovem, mais tolerante, mais paciente, mais aberto, mais compreensivo e menos crítico, quando lhe foi ensinado a não se impressionar com os acontecimentos, para agora ser capaz de ver ambos os lados de um problema, para se envolver em questões que antes foram ignoradas e de haver pontos de vista diferentes dos adotados no passado.

Este é o espírito que se deve perseguir. Este é um dos componentes da sabedoria de quem envelhece bem, que sabe como colocar sua experiência a serviço dos outros. Nem todos os idosos chegam a essa flexibilidade, alguns tendem ao dogmatismo e unilateralismo que irritam os que convivem com ele. Esta é a característica daqueles que não envelhecem bem.

A vida diária fornece uma ampla gama de lembretes do quanto a vida é frágil e de como estamos profundamente inter-relacionados (WOLMAN, 2001 p. 19).

- **Evitar a rigidez.** A terceira atitude que caracteriza o envelhecimento saudável é a capacidade de equilibrar as tensões e dinâmicas da energia social/sexual a fim de continuar a desfrutar os prazeres da intimidade interpessoal, em harmonia com os vários estados da vida.

Isso não quer dizer que, à medida que envelhece, o idoso torna-se assexuado, inerte, insípido, inodoro, incolor, ou apaga os impulsos sexuais. Ele continua sentindo a necessidade de intimidade interpessoal, de amizade, o prazer e a tendência para a atividade sexual, e faz bem manter um nível de atividade sexual compatível com seus desejos e papéis assumidos.

Faz-se necessário que o idoso casado se dê conta de que a qualidade da intimidade sexual muda com a idade, de modo que aqueles que optaram pelo celibato devem recordar que a trajetória de crescimento de seu celibato continua, mesmo idoso. Os frutos serão proporcionais ao compromisso assumido na primeira parte da vida, podendo levá-lo a uma intimidade inesperada com as pessoas e com Deus.

O velho deve ter claro que o objetivo da velhice não será de buscar a todo o custo uma vida sexual como a do início da vida adulta, mas potencializar, desenvolver e fortalecer outras formas de comunicação e comunhão compatíveis com sua situação, para compensar as alterações produzidas pela idade. Para alguns, as

recordações ajudam a encontrar uma nova ternura. Para outros, a intimidade conjugal é substituída por uma crescente intimidade com os filhos adultos ou outros familiares. Ainda há os que buscarão novas formas arriscando-se a estabelecer uma rede de amizades através da qual se preocupam com o bem de outra pessoa, se aproximam com confiança e atenção sinceras. Para todos, será uma espécie de relação interpessoal marcada pela ternura, pelo acolhimento, e pelo companheirismo (de "cum-panis", o companheiro da peregrinação) de forma gratuita.

- **Valorizar a sabedoria, atenção e compaixão.** Para que o velho alcance esta atitude, existem outras atitudes como pré-requisitos, ou seja: superar a preocupação excessiva consigo, aprender a dar atenção, ter compaixão e sabedoria que caracterizam os idosos que envelhecem bem.

Inicialmente, o idoso deve superar a importância que a cultura atual atribui ao corpo e à aparência jovem, para melhorar a interioridade, aqueles elementos essenciais que fazem dele uma pessoa de caráter e beleza interior. Para isso deverá esforçar-se, conscientemente, para não negar, mas ultrapassar os problemas ligados à decadência da força física e da perda de beleza corporal. Deverá interessar-se pelo que o rodeia, pelo mundo e pelas pessoas que vivem para além do limite do sofrimento físico. Isto o compromete a cuidar de seu corpo da maneira certa, sem esperar milagres ou curas impossíveis, reconhecendo e aceitando a inevitabilidade da morte e daquilo que vem depois.

A seguir, o idoso deverá tentar alargar suas fronteiras, as quais, devido à experiência anterior, muitas vezes se limitam apenas ao trabalho. Ao se aposentar e perder o "status" alcançado pelo trabalho de toda a sua vida, o velho pode ver nisso uma causa de sofrimento, mas deve se lembrar que agora tem pela frente outras tarefas e possibilidades.

É nessa direção que Andrade (2014, p. 25) sinaliza a existência de muitas possibilidades,

onde ele pode encontrar uma autorrealização diferente (e, possivelmente, maior) tais como: conselheiro de jovens, como um avô/ó; ou no serviço voluntário na área da cultura, do serviço civil, da política, da religião, da filantropia, e em tantos outros grupos sociais. A velhice pode finalmente ser a estação apropriada para desenvolver aspectos da personalidade ainda não desenvolvidos durante os anos ativos: há idosos que descobrem seus dons para pintura, poesia, arte, literatura, coleção e assim por diante”.

De fato, o número de possibilidades é limitado apenas pelo desejo de continuar em busca de alternativas e pelo desejo de crescer.

O desafio final proposto por Peck (1986, p. 305) é a superação do [eu] ego, o mais difícil, mas, simultaneamente, o mais estimulante e desafiador. Ele convida o idoso a considerar e aceitar a realidade da

morte. Isso requer a passagem por uma verdadeira "noite escura" indo além da preocupação narcisista com a própria sobrevivência. Assim, ele poderá aceitar a morte com a serenidade que vem da certeza de que, graças aos filhos, às amigadas, a ajuda e aos conselhos que deu, construiu um escopo e um espaço maior do que qualquer outro que poderia incluir o eu pessoal.

Esta ideia foi ampliada por Erikson (1992, p.52) a partir dos resultados da pesquisa com pessoas com mais de oitenta anos. De acordo com esse autor, o processo de formação e de crescimento da identidade continua, mesmo na última fase da vida, e é marcado pelos valores de atenção e sabedoria voltados não só para o próximo, mas também para os outros, de todo o universo. Até o último dia de sua vida, a pessoa é chamada a alargar a fronteira da segunda paternidade, deixando emergir aquela que hoje é chamada de "personalidade ecológica" (ecological self-hood). Esta, alargando e aprofundando os interesses da pessoa, lhe permitem superar a separação e a fragmentação.

Na verdade, a questão central do nosso tempo é a forma de superar o próprio "eu", transcendendo a cultura e a religião, para alcançar horizontes cada vez mais vastos do cosmos. Isto ocorrerá se o velho, ao chegar à velhice, for capaz de considerá-la um estágio no qual ele pode crescer para transcender o próprio "eu", pode estender o seu ser muito além do "eu" individual para incluir toda a família humana, que nada mais é do que uma pequena parte daquela "rede ecológica" conectada com outras partes do universo pelo qual somos também responsáveis. Assim,

é benéfico e justo atentar para o desenvolvimento da segunda geratividade e transcendência do eu, ou desafio da velhice. Eles também levantam a base psicológica para a espiritualidade que envolve atenção, compaixão e sabedoria, valores típicos da velhice, e dos quais o mundo precisa.

## 7 A ESPIRITUALIDADE DA VELHICE

A velhice ainda dará frutos,..."  
(Salmo 92, 15)

O processo de envelhecimento e os idosos não estão entre os temas centrais da Sagrada Escritura, mas pode-se encontrar, na Bíblia, alguns itens para a construção de uma espiritualidade na velhice, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. No texto que se segue serão apresentadas perícopes bíblicas que ilustram a temática nos dois testamentos.

- **Antigo Testamento.** O Antigo Testamento apresenta a velhice como uma época de fertilidade e participação ativa no Plano Divino (Gênesis 21, 5). Uma longa velhice é um sinal da fidelidade de Deus às suas promessas: "Então Abraão deu seu último suspiro e morreu após uma velhice feliz, velho e cheio de dias, e foi congregado ao seu povo" (Gênesis 25:8). Depois tanto Isaac (Gênesis 35, 29 ) quanto José morrem com idade avançada - de 110 anos (Gênesis 50, 26).

O texto bíblico aponta que é no decorrer da velhice que Deus se revela. Moisés recebe a revelação do nome de Deus e a missão de libertar o seu povo quando já era velho: dele diz-se que era íntimo de Deus, com o qual falava como um amigo (Êxodo 33,11).

O Antigo Testamento dá uma imagem realista e inquietante da velhice; ela é assustadoramente apresentada como o tempo de "dias tristes... os anos em que você dirá: não sinto mais gosto para nada." (Eclesiastes 12, 1), mas também é muito frequente o retrato da pessoa bem envelhecida, marcada pela sabedoria e pelo temor ao Senhor.

O segundo livro de Macabeus apresenta a inesquecível história do martírio do escriba Eleazar, um dos principais doutores da Lei, que era um homem de idade avançada, com rosto de traços belos (2 Macabeus 6,18-31), que rejeita as imposições injustas de Antíoco IV e até mesmo as ficções piedosas de seus compatriotas que iriam resgatá-lo da tortura do tirano. Eleazar morre testemunhando fé e coragem, já que preferiu a morte honrada a viver envergonhado.

A sabedoria e sagacidade dos idosos são as melhores maneiras de entender o mistério do sofrimento. Jó, no auge de seu esplendor, e idoso, ao ser testado por Deus, fica indignado, e reclama, se orgulha de seus méritos, e da sabedoria que Deus lhe deu; no final, sabiamente, se reporta à sabedoria providencial de Deus.

No livro dos Salmos aparecem orações próprias dos idosos, como as que se seguem: Salmo 37 (25), em que a reflexão sobre o direito a pagar a fortuna ultrajante do ímpio se torna oração de quem "era

jovem, e agora ele está velho" e pode afirmar que nunca viu desamparado o justo de Deus. O Salmo 71 [70] expressa a oração confiante do idoso que se entrega a Deus, tido como "...rocha de refúgio, fortaleza onde ele se salva, rochedo a quem supplica: *não me rejeites agora que estou na velhice, não me abandones quando me faltam forças*, a um Deus que é objeto de louvor do velho que aprendeu, na juventude, as maravilhas divinas, e agora acredita que não será abandonado até que passe às gerações futuras as maravilhas das façanhas divinas (vv 3, 9, 17-18).

No Salmo 92 [91] tem-se um hino de ação de graças no qual o ancião contempla a obra de Deus e canta a plena certeza de esperança e otimismo quanto a "continuar a dar frutos", e ser "viçoso e frondoso" até o fim dos tempos (vv 13-16).

Como visto, todo o livro de Salmos é adequado para a oração na velhice, mas estes três salmos colocados especificamente nos lábios de um idoso lembram que ele tem, na oração, a via preferencial de chegar a Deus, um caminho feito de memória, de reconhecimento, de confiança e, acima de tudo, de louvor, gratidão e admiração pelo amor gratuito do Criador.

- **Novo Testamento.** No Novo Testamento, e mais especificamente no Evangelho de Lucas, aparece um tema que já foi pontuado no Antigo Testamento: *Deus escolhe os anciãos para serem testemunhas do alvorecer da Encarnação e da Redenção*. Isto fica claro quando o texto aponta que Zacarias e Isabel são esco-

lhidos para serem os pais do precursor do Senhor quando já são velhos. Também Simeão e Ana, ambos em idade avançada, recebem a revelação da vinda do Salvador (Lucas 2, 25-26. 36-38). E, assim como os do Antigo Testamento são os pilares da verdade e da justiça, no Novo Testamento é ao idoso (presbyteroi) que a Igreja recorre para a sua estabilidade (1 Timóteo 4, 14; 5, 17; 5, 19, Tito 1,5).

Jesus ensina o idoso a lidar com os medos que traz a velhice, o medo do futuro que, com a ganância, se cura apenas na Providência (Lucas 12, 12-21, 22-31, Mateus 6, 25-34). E Paulo oferece boas perspectivas sobre o sofrimento e a morte ao mostrar que a vida cristã pode compartilhar o sofrimento e a morte de Cristo (Romanos 6, 4; Colosseus 1, 5; 4, 10; Filipenses 3, 10); ao ensinar a completar a paixão do Messias (Colosseus 1, 24); ao considerar a fraqueza humana uma manifestação de Deus (2 Coríntios 12, 9); ao falar da vida nova iniciada no batismo (Romanos 6, 1-11) prolonganda na existência compartilhada com Deus na vida e na morte (Romanos 14,7-9; Filipenses 1, 21-23; 2 Cor 5, 1-10).

Assim, a palavra de Deus nos mostra que a velhice é um momento de crescimento espiritual, basta olhá-la na sua plenitude, sem excluir o sofrimento e a morte, então, consciente da limitação, da pobreza e da fraqueza humana, se entregar como Jesus “nas mãos do Pai”, Aquele que não deixa ninguém cair no escuro, que conhece cada pessoa e a reconhece como preciosa (Isaías 43, 4 ).

**“JESUS ABANDONOU-SE, ASSUMINDO A CONDIÇÃO DE SERVO...” (FILIPENSES 2,7).**

Após conferir a Pedro o mandato pastoral, Jesus lhe diz que, quando estivesse velho, teria uma morte violenta pelo seu Nome: “Em verdade vos digo que, quando você era mais moço, você costumava vestir-se e ia para onde queria: mas, quando já fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres ir” (João 21,18). Com isto Jesus traça o caminho de crescimento de Pedro: ele passará, a partir do momento da decisão, a estação em que ele vai ceder a iniciativa e “deixar fazer”.

O idoso, aos poucos, deve deixar de fazer muitas coisas e dar este encargo ao outro, pois aceitar, deixar, sair, distanciar-se são os verbos que deverá aprender a conjugar na velhice. Eles são os verbos da *kênosis* cristã, a desapropriação característica da Encarnação do Filho de Deus que “embora fosse de natureza divina, não teve a pretensão de ser igual a Deus”, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens” (Filipenses 2, 6-7).

A velhice não é uma viagem fácil nem agradável, é desafiadora, é *kenótica*, onde as perdas se multiplicam e se combinam com as humilhações sociais, físicas, psicológicas, intelectuais e morais, até chegar a morte, que é, como diz Teilhard de Chardin (1968 p. 78), “um oceano [no qual] conflui toda nossa fraqueza”. No entanto, a velhice é uma parte do plano providente de Deus que leva a pessoa a tomar a sua vontade de alcançar a glória, e ser exaltado como Jesus.

A existência, do nascimento à morte, é uma jornada pascal na qual o ser humano é chamado a se superar num contínuo êxodo rumo à terra prometida. O ponto de chegada e a motivação desta jornada são o amor (ágape): “Vivendo segundo a verdade no amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Efésios 4, 15). A kenosis não é o fim, mas um processo de renovação, até chegar a um homem perfeito: “a meta é que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento da plenitude de Cristo” (Efésios 4, 13).

Esta maturidade humano-cristã consiste no conhecimento de Deus e de Cristo (João 17, 3), e na comunhão de amor com Ele, que é a face humana visível de Deus.

No conhecimento amoroso de Deus o velho está gradualmente despojado de tudo, mas chega a uma identificação gradual com o Jesus crucificado, “manso e humilde de coração” (Mateus 11, 29). Desta forma, participará da ternura, da bondade e da compaixão de Jesus para as virtudes que são típicas do idoso que envelhece bem.

- **“Ele deve crescer e eu diminuir ... “ (João 3, 30).** A kenosis feita de progressiva redução da atividade, de incapacidade física, do aumento de solidão, do medo e da raiva reprimida, é repulsiva para o idoso. Ela o faz se aproximar do sofrimento, o mais difícil da sua existência, que ninguém entende ou aceita, fora da fé e da contemplação do mistério de Deus. A mente humana fica presa diante do sofrimento e se pergunta como é possível que Deus aceite o mal,

em particular quando não parece produzir nenhum bem.

A resposta para esta questão, Teilhard de Chardin (1968 p. 87-9) tentou dar, explicando que Deus é capaz de mudar o mal de três maneiras. A primeira funciona como no caso de Jó, quando “a derrota sofrida por nós orientará nossas atividades na direção de ambientes mais favoráveis, sempre definido a nível do sucesso humano que buscamos”.

A segunda funciona quando “a mesma perda que nos aflige vai obrigar-nos a olhar para um campo menos material... (neste caso) vemos o homem sair melhorado, endurecido, renovado por uma prova ou uma queda que parecia tê-lo diminuído ou abatido para sempre: é a história de tantos santos e em geral de todas as pessoas notáveis por sua inteligência ou sua bondade...”.

A terceira é dos casos mais difíceis (e são “precisamente os mais comuns”), diz Teilhard de Chardin (1968 p. 88), em que “a nossa sabedoria permanece totalmente confusa”. Há certas situações que não se pode aceitar: de fato não trazem qualquer vantagem, mesmo neles a pessoa “desaparece ou permanece dolorosamente deficiente”.

Então, surge a pergunta: “Como é que essas situações, que são a Morte na medida em que se tornam puramente mortais, podem tornar-se algo bom para a pessoa?”

Esta terceira estrada, que é “mais eficaz e mais santificadora”, usada pela Providência, é aquela que age na velhice e será importante entrar nesta dinâmica de crescimento que leva à união com Deus. Através deste diminuir-se Deus o prepara para ser a pe-

dra viva da Jerusalém celeste, para entrar em sua verdadeira condição, a “tão desejada união com Ele.”

O motivo mais eficaz desta transformação será a morte. A fé cristã, diante da cruz, não permite chamar imediatamente a “resignação cristã [que] é realmente considerada e condenada por muitos como um dos elementos mais perigosos, o ‘ópio religioso’, juntamente com o desprezo da Terra (Teilhard de Chardin 1968 p. 92). No entanto, se, depois de ter lutado contra o sofrimento, este ainda parece real, sobra outra forma de redenção: aquela de se juntar ao sofrimento de Jesus e de “completar na sua carne o que falta às tribulações de Cristo, em nome do Seu corpo que é a Igreja” (Colosenses 1, 24).

Assim, o sofrimento do velho torna-se redenção para o mundo e, se ele o aceitar na fé, sem deixar de lutar, o inimigo que o abate pode se tornar para ele um princípio amoroso de renovação. Abandonando os sucessos e fracassos humanos, acessa, confiando no Pai, a região de transformações e crescimentos suprassensíveis.

Teilhard de Chardin (1968 p. 106) escreve: “*Diligentibus Deum omnia convertuntur in bonum*” [Para aqueles que amam a Deus, todas as coisas são mudadas para sempre]. Aqui está a explicação que transcende toda e qualquer questão.

Assim, caso o velho se una ao crucifixo, poderá participar da redenção da cruz. Não somente recebe do crucifixo uma participação a sua ternura, compaixão e atenção, mas se associa a sua obra redentora. Sem sentir-se inútil, talvez como nunca antes, na velhice pode se sentir e ser instrumento na missão da Igreja.

- **“Para mim, o viver é Cristo e o morrer é um ganho...” (Filipenses 1, 21).** Algumas pessoas sentem como Paulo o desejo de ser dissolvido pelo corpo para estar com Cristo (Filipenses 1, 24). Muitos rejeitam a ideia da morte, sentem raiva, tentam fugir e acabam deprimidos. Em Teilhard de Chardin (1968 p. 92) lê-se que a morte é o caminho através do qual Deus leva o homem à união com ele, e que o sofrimento é o instrumento pelo qual Deus coloca uma lacuna “necessária” para entrar e “criar um vácuo que se tornará o seu lugar”.

De fato é complicado concordar com os argumentos de Teilhard, pois o velho sente, cada vez que vivencia a morte, que ela destrói uma experiência única e irrepetível, vez que uma pessoa que pensava, sentia, criava e amava se foi. Esta é a noite escura, contra a qual Jesus tentou reagir na agonia do Getsêmani.

O velho, ao sentir a proximidade da morte, se vê na necessidade de enfrentar a obscuridade. Aí precisa nutrir sua fé na ressurreição, mas, ainda mais, a sua união com o Senhor ressuscitado. A ele dirige a sua profissão de fé: "... a ressurreição dos mortos", repetindo para si mesmo o dito do Apóstolo: “Se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é vã, a vossa fé também é vã [...] e ainda estais nos vossos pecados [...] e nós somos dignos de pena mais do que todos os homens” (1 Coríntios 15,14.17.19).

Graças à fé na ressurreição, será possível vencer a morte e descobrir Deus. E se a fé for fraca, sempre poderá orar: “Eu creio, mas ajuda a minha incredulidade” (Marcos 9, 24). É consoladora e alegre a pro-

messa de Jesus: “Porque eu vivo, vós vivereis” (João 14, 19), porque Ele, quando vier a hora da morte, fará sobreviver por meio do Espírito que habita em cada um, para uma vida nova e plena: “Quem vive e crê em mim, jamais morrerá” (João 11, 26).

A promessa é ligada ao mistério pascal da morte e ressurreição de Jesus confiada à Igreja pela Eucaristia. Assim, é importante, na velhice, celebrar e viver este mistério: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia” (João 6, 54).

Na morte, de forma incompreensível e inexplicável, a pessoa entrará em uma nova relação de amor e comunhão consigo, com os outros e com Deus, uma relação sem similar, que satisfaz o desejo de alegria e felicidade, de plenitude e comunhão. A pessoa será libertada da escravidão, do pecado, da morte, da lei, dos eus, e considerará a morte um ganho (Filipenses 1, 21).

**4.5 “Refletindo como em um espelho, a glória do Senhor...” (2 Coríntios 3,18).** Para Paoli (1995 p.658), o caminho para chegar à identificação com Cristo, à fé que leva à cruz e à comunhão com Deus, a ternura, compaixão e preocupação com os outros, que caracterizam o idoso que envelheceu bem, é “o caminho da contemplação...”.

Contemplar é fixar o olhar em Jesus, é escutar a Palavra de Deus num amor silencioso dirigido à comunhão com Deus. Isto, no escrito do Catecismo da Igreja Católica, é um dom de Deus que responde à fidelidade na busca por Ele. Há um caminho que nos

leva ao dom da contemplação, que consiste no hábito de olhar a realidade com amor.

A oração segue a dinâmica do crescimento pessoal e da amizade. Parte da oração vocal passa através da oração discursiva, vem para a afetiva, até a oração da velhice, que é a oração contemplativa, também chamada de oração do coração. É um momento de silêncio aos pés do Pai, onde há a exposição simples a Deus, e o descanso no Pai, onde todos se juntam em oração para que o Espírito clame: “Abba, Pai” (Romanos 8, 15).

A contemplação, antes de ser uma atividade, é um estilo e é qualidade de vida. Introduce uma dimensão que produz uma profunda mudança na relação com a realidade. Altera a qualidade de vida e dá a oportunidade de viver o presente e no presente. Produz a capacidade de surpreender-se e de desfrutar da criação de Deus. Acima de tudo, faz chegar à interioridade, levando ao limiar do coração, onde vivem o Espírito do Pai e do Filho, e onde podem ser admitidos à sua oração. A oração consiste na escuta silenciosa na frente do Senhor (Deuteronômio 27, 9).

Por fim, a contemplação leva o idoso a um novo compromisso com a ação, característica da velhice, fruto da compaixão contemplativa. Em Marcos 6, 34 temos que “Jesus viu e teve compaixão” e o ajudou a perseverar na espera do retorno do Senhor. Assim, a oração do coração parece ser a oração mais apropriada ao idoso.

Aqui, a tradição lembra o velho que descreve sua oração como um encontro silencioso com Deus, onde olha para Ele e Ele olha-o em resposta. Na contem-

plação o velho encontra o Deus fiel, e descobre como é ser importante para Ele.

Isaiás reforça esta idéia escrevendo que “uma mulher pode esquecer seu bebê, ficar sem ternura para com a criança do seu ventre? Eu nunca vou esquecer de você aqui, eu tatuei você nas palmas das minhas mãos”(Isaiás 49,15-16).

Assim, o idoso poderá vencer a solidão e o medo da morte sem se intimidar com a contemplação. Ela não é privilégio dos santos canonizados, é um objetivo acessível a todo cristão. Infelizmente, não é a favorita da cultura odierna da eficiência/eficácia, da distração, da liquidez, e, no caso do idoso, pode colidir com a preocupação consigo e com seus limites físicos e morais, nem facilitada pela sua educação que, no passado, preparava para a contemplação das ideias, enquanto esta contemplação se refere a uma particularidade concreta: uma flor, uma música, um gosto, uma pessoa,..., isso é a realidade concreta e presente, através da qual é possível ter um sinal da realidade divina.

O progresso na oração contemplativa nem sempre é fácil, mas é bom lembrar que Teresa de Ávila (2015 p. 5) ensinou que a oração

nada mais é [...] que uma íntima relação de amizade pela qual se pode entreter com frequência, por estar a sós com Ele, que sabemos que nos ama”; e na oração, o essencial não é o pensamento, mas o amor.

## 6. INDICADORES DA CATEQUESE PARA IDOSOS

Um dos princípios da Gerontologia<sup>3</sup>, segundo Both (1994 p. 46), é que a pessoa se prepara para a velhice antes de chegar lá, ainda jovem. Existe um provérbio africano que diz: *na velhice nos aquecemos com a lenha que recolhemos na juventude.*

Algumas dessas reflexões e sugestões deveriam ser oferecidas na catequese infantil, e depois refletir durante a velhice, para apenas confirmar a crença na importância do idoso transformar-se em testemunha para os mais jovens.

Assim, o texto que se segue refletirá sobre os indicadores da Catequese para idosos, sobre elementos que emergem das reflexões sobre a viagem percorrida, até chegar à última estação da vida, e da certeza de que só uma adequada formação humana, intelectual e espiritual, bem como uma reflexão sobre a velhice na igreja hodierna poderão fundamentar o que está em construção, ou têm uma tênue efetividade em algumas comunidades.

- **Formação humana.** O primeiro e decisivo indicador refere-se ao envelhecer, pois só envelhece bem quem aceita se tornar velho. Quem, durante o envelhecimento, não aceitar a sua condição e se rebelar contra a idéia de envelhecer e morrer, talvez nunca tenha percebido, em sua juventude, o que aconteceria no final, possivelmente nunca tenha sido preparado para reconhecer e aceitar as limitações, a sentir que nem tudo é possível, e

---

3 Pedagogia da velhice

que não tem sentido cultivar a onipotência. Talvez tenha sido educado para viver de acordo com o princípio: *Age quod agis* (Aja como você), o que leva a caminhar de acordo com as possibilidades, a usar o tempo livre para contemplar a beleza sem querer possuí-la, a amar a si e ao outro.

Talvez tenha sempre vivido acelerado, pressionado pela tendência de agredir o mundo, o que, no fundo, vem da prepotência, da vontade de poder e posse que subjuga as coisas a si mesmo.

As atitudes que levam os idosos a aceitar, a ter fé, e a acreditar em si e nos outros estão no caráter, mas também podem resultar da formação inicial e, de uma educação permanente que alavanque sua gratuidade e sua dimensão contemplativa da existência, graças ao qual a pessoa poderá continuar a crescer.

- **Formação intelectual.** O idoso deveria ter e, eventualmente, desenvolver a curiosidade intelectual, juntamente com o cuidado contínuo de sua preparação profissional. Quem chega à velhice sem o hábito da leitura e do estudo, sem passatempos e/ou sem interesse cultural, possivelmente terá dificuldade para passar o tempo e para preencher os dias desta fase. Terminará estacionando como um carro antigo em frente à televisão, em atitude passiva e resignada, com o risco de absorver tudo sem senso crítico e criatividade. Sem saber o que fazer para gastar o tempo, vai se aborrecer com a perspectiva da morte, ou se apegar a pequenas coisas, ameaçando entrar no vazio alienante.

Caso o idoso seja desafiado a ser um conselheiro ou guia de pessoas ou organizações (até espiritual),

a integrar uma associação, a fazer uma atividade na igreja, a integrar uma pastoral, a redigir informativos ou manter o mural atualizado,..., vai sentir o dever de manter-se atualizado.

A leitura da Bíblia, de um bom livro de Teologia, de romance ou novela, de revista ou jornal poderá mantê-lo vivo a altura dos compromissos assumidos, e ainda viva e exercitada a sua mente em um momento em que parar pode significar tanto a perda dos neurônios, quanto desligar a lâmpada de sabedoria e da experiência.

- **Formação espiritual.** Para que o idoso no curso do envelhecimento possa percorrer um caminho de contemplação, deve, estar habituado à oração e ao gosto pela leitura da palavra de Deus, desde a sua juventude. É de se esperar que aquele que não foi acostumado a oração ou perdeu o hábito, encontre alguém que o ajude a compreender que só na fé, na esperança e no amor poderá continuar a crescer e a afrontar as cruzes da velhice.

Nesse período, não falta tempo para a oração. Às vezes o que falta é o método e a constância. Poderá ser difícil escapar do risco de mediocridade, se durante as etapas anteriores não cultivou a espiritualidade, a meditação, a vivência dos sacramentos, a reflexão, e o ascetismo.

Há sempre uma esperança, como disse João Paulo II (1996, p. 23), que “a retirada progressiva da atividade, em tais casos, com uma doença e inatividade forçada, constitui uma experiência que pode ser altamente educativa”.

Por outro lado, a experiência mostra que essa expectativa nem sempre se realiza, pois nem sempre há a evidência de que a velhice funcione como um sino de alerta providente que lembre da necessidade de crescer e na entrega a ele.

Por isso se faz necessário o preparo para envelhecer desde a juventude, com uma vida regrada, organizada. Esta é uma responsabilidade dos interessados, e daqueles preocupados e/ou são responsáveis pela formação religiosa continuada, que por sua natureza deve ser considerada de forma permanente, desde o início.

**A velhice na igreja hodierna.** Ninguém fica santo porque fica velho, mas os sofrimentos burilam o seu ser, tornando-o mais capaz de compreender a vida como um todo. O episódio da pecadora apedrejada leva à reflexão: Quando Jesus adverte que quem não tiver culpa atire a primeira pedra, o texto fala que todos foram saindo, inclusive os velhos. Aqui é de pensar que os velhos, por terem vivido mais, erraram mais, mas também, podem ter maior consciência de suas faltas, por experienciar e desenvolver, através dos anos, maior consciência do certo e do errado, falso e verdadeiro.

Muita gente tem preconceito contra o idoso, o acha “gagá”, desatualizado, e como dizia Cícero, em 96 antes de Cristo (2001 p. 31) “... pensa naqueles caquéuticos, molengões, sem memória, defeito que não se deve imputar à velhice propriamente dita, mas a uma velhice preguiçosa, indolente e embotada”. Muitos esquecem que foi ele quem construiu as coisas que

hoje dão condições de vida melhor. Esquecem que o jovem de hoje será o velho de amanhã e com menos jovens para cuidar deles.

Na Igreja, também se sente esse preconceito. Uns preferem a homilia do padre ou do pastor jovem e desprezam as palavras do padre ou pastor idoso. Ainda alguns leigos idosos são rechaçados do trabalho pastoral, pela preferência pelo leigo jovem. É a sociedade influenciando na Igreja. Renovar é sempre positivo. Mas é preciso lembrar que o espírito jovem não é privilégio dos moços. É bom lembrar que existem jovens com mentalidade velha e velhos com mentalidade jovem. Na verdade, é de se debitar isto a jovens e velhos com mentalidade jovem. Na verdade, é de se debitar isto a jovens e velhos que, em busca de valores temporais, deixam de lado os valores eternos. O amor não tem idade. Pode florescer e crescer no coração de todas as idades. Afinal, somos todos Igreja e a consideração com o idoso deve ser uma demonstração de maturidade e de respeito em favor do reconhecimento da colaboração que eles ofereceram, oferecem e oferecerão à Igreja e ao mundo.

... a esfera espiritual é a mais difícil de descrever ou quantificar. Ela inclui qualquer coisa que façamos para contemplar o significado maior e a finalidade de nossa vida: meditação, preces, mantras, comparecimento a serviços religiosos, ler ou escutar materiais que ofereçam inspiração, cantar, sentar-se tranquilamente em um jardim,

descer um rio em um bote, pintar uma paisagem ou apreciar uma pintura. E, sim, tudo isso está ligado à expectativa e à qualidade de vida (PASTER, 2001 p. 65).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Velhice,..., cena final dessa peça  
que constitui a existência.  
(Cícero 2001 p. 65)

No crepúsculo da jornada, muitos querem repetir o que na noite de sua existência escreveu um homem de muita ação que viveu intensamente sua vida: “O dia cai. É noite. Minha visão se desvanece. Agora eu vejo tudo de dentro. Tudo está calmo. Saboreio melhor o tempo que ainda me foi dado. Apesar dos cabelos brancos, sinto com certeza a vida pulsante e a verdadeira alegria nos meus últimos anos” (Rodhain, in Gardini 1992, p. 97).

A vida, mesmo em sua última estação, pode continuar a ser fecunda, e o idoso pode sentir-se como o salmista, um velho que passou por lutas e contradições, cujo corpo se tornou resistente e duro como um tronco de cedro ou palma, mas que por dentro ele ainda se sente “bem e florescente”, ainda capaz de “florescer nos átrios do nosso Deus”, sempre pronto a “proclamar que o Senhor é” (Salmo 92, 14-16).

Assim, pode-se afirmar que na catequese da igreja tem espaço para a velhice, porque o velho tem muito espaço para viver e crescer na fé, não uma catequese

de ensinamento, mas de reflexão e releitura da vida, que aborde questões do mundo vivido e que com os iguais possa encontrar respostas para os frutos que ainda poderá dar.

Bem se sabe que esta não será uma missão agradável para todos, pois trabalhar com crianças e jovens é ver uma novidade a cada dia, enquanto que trabalhar com velhos pode parecer conviver com uma deficiência a cada dia, mas este fazer também inspirará um novo carisma na Igreja, quando definitivamente for substituído o valor da aparência física pelo valor do ser interior, da fé e da potencialidade da pessoa, independente de sua idade, de seu estado ou condição.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carmen Maria. *Uma pedagogia para a velhice: o desafio da construção de um trabalho com idosos no Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Tese (Tese em Educação). Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996
- \_\_\_\_\_. *Quando eu me aposentar*. Santa Maria: Biblos, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Quando eu envelhecer*. Santa Maria: Biblos, 2012.
- ÁVILA, Teresa de. *O livro da vida*. Porto Alegre: Vozes, 2015.
- BÍBLIA. Português, *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria, 2002.
- BOTH, Agostinho. *Fundamentos de Gerontogogia*. Passo Fundo: UPF, 2004.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Porto Alegre: Vozes, 1993.
- CÍCERO, Marco Túlio, 103-43 A.C. *Saber envelhecer e a amizade*. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- ERIKSON, ERIK. *Os ciclos da vida - completo*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GUARDINI, Romano. *As idades da vida*. Milão: Vita e Pensiero, 1992.
- JOÃO PAULO II, *Exortação apostólica à vida consagrada*, 25 de março de 1996, n°. 70.

PAOLI, Arturo. *Velhice, a idade de contemplação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

PASTER, Zorba. *O código da longevidade: receitas personalizadas para uma vida longa e saudável*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

PECK, Robert. *Psicologia da velhice*. Porto Alegre: Artmed, 1986.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O ambiente divino*, Basic Books New, 1968

WOLMAN, Richard N. *Inteligência espiritual*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.